

“Seleção se faz pelo talento”

AGÊNCIA ESTADO

“O jornalismo é vocação, é veia, é garra.” Foi assim que o dono do **Jornal do Estado**, de Curitiba, Roberto Barrozo, justificou ontem por que é contra a obrigatoriedade do curso de jornalismo para o exercício da profissão. “Por isso — acrescentou —, a seleção se faz pelo talento e não pelo diploma. Filho de jornalista que também não cursou a faculdade, Barrozo também não possui o diploma e é pai de um colunista social que também não frequentou o curso de jornalismo. Ele explica, porém, que emprega no seu jornal profissionais “com diploma e sem talento”, e defende por isso a não-exigência do curso superior de Comunicação Social para o exercício da profissão.

O redator-chefe do **Correio de Notícias**, também do Paraná, Mussa José de Assis, considera “ótima” a proposta que será discutida pela Comissão Constituinte. “Antes do diploma, o jornalista precisa de talento, como um artista, um músico, um pintor”, disse. Segundo ele, o fim da exigência do diploma “não representará o fim do curso de jornalismo, já que se o curso for bom, quem o frequentar terá mais chances de obter trabalho”.

O diretor dos jornais **Estado de Minas** e **Diário da Tarde**, Pedro Agui-naldo Fulgêncio, é contra também a obrigatoriedade do curso de jornalismo. Ele afirma que está na profissão há 50 anos e “numerosos dos melhores profissionais de imprensa não necessitaram de curso especializado”. E acrescentou: “A melhor escola é mesmo a redação”.

CONTRA

Mas o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Paraná, Desidério Peron, não concorda com o fim da exigência do diploma: “A profissão de jornalista é uma responsabilidade social tremenda. Então, não pode ser relegada a pessoas que não têm formação para exercê-la”. Peron destaca que a questão “não cabe na Constituição, que deveria regular as demais profissões também, se fosse o caso”. E acrescentou: “Os constituintes devem saber distinguir o interesse patronal do profissional e não podem camuflar o debate sobre a melhoria do ensino. Se negarmos a necessidade do ensino, estaremos regredindo à mediocridade”.

Já o presidente do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais, Manoel Guimarães, afirmou ontem em **Belo Horizonte**, que a tentativa de acabar com a obrigatoriedade do diploma é uma estratégia das empresas jornalísticas para forçar uma negociação em torno do piso salarial. Ele lembrou que a instituição do piso já foi aprovada pela Câmara e tem muitas chances de aprovação no Senado.

O diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Márcio Lima, preferiu ironizar: “Não existe gênio que não possa ter um mínimo de disciplina para cursar quatro anos de escola”. Para ele, a universidade não só forma para uma profissão, mas “é rica a sua lição política”. E acrescentou: “As vocações só têm a ganhar com a formação universitária”.

O diretor do sindicato de Pernambuco, Carlos Cavalcanti, disse em **Recife** que a Constituinte “não é o foro mais adequado para se debater esse assunto, que deveria ser discutido antes entre os próprios jornalistas”. E em **Campinas**, a Delegacia Seccional do sindicato vai realizar na próxima semana uma consulta para levantar qual é a posição da categoria em relação à proposta de extinção da obrigatoriedade do diploma de jornalista. Pretende-se ter uma amostragem das posições de todos os profissionais, diplomados ou não.